

SOBREPESCA NA ATIVIDADE PESQUEIRA: CAUSAS E SOLUÇÕES

Marco Aurélio Alves de Souza¹

RESUMO – Este artigo tem por objetivo relatar as principais causas da sobrepesca na atividade pesqueira no Rio Grande do Sul e mostrar alguns meios para diminuir esse problema. O método utilizado foi o descritivo por meio de pesquisa bibliográfica, pertinente para responder o objetivo proposto.

Palavras-chaves: sobrepesca, atividade pesqueira e Rio Grande do Sul

1. INTRODUÇÃO

No Rio Grande do Sul, segundo Maciel (1997), existem mais de 50 lagoas interiores, sendo as maiores a Lagoa dos Patos, com 10.360 Km² e a Mirim (3.749 Km², sendo 2.838 no Rio Grande do Sul e o restante no Uruguai), interligadas entre si pelo Canal São Gonçalo. Sendo o estuário da Lagoa dos Patos a mais importante área de criação e de crescimento da maior parte dos peixes e crustáceos capturados comercialmente. Especificamente, segundo Altmayer (1999), historicamente mais 90% da captura da pesca artesanal e 100% da captura da pesca industrial do Rio Grande do Sul são oriundas do estuário da Lagoa dos Patos, da Lagoa Mirim e da zona costeira adjacente.

Apesar dessa riqueza natural, segundo Souza (2001), o crescimento das indústrias de transformação do pescado, propiciado pelas políticas de promoção à pesca a partir dos anos 60, ocasionou mudanças nos instrumentos e técnicas de pesca, contribuindo para o aumento da produção pesqueira que atendeu à crescente demanda industrial, mas por não haver, concomitante, a preocupação com a reprodução natural do pescado capturado, houve no decorrer dos anos 70, a queda da produção pesqueira e, nisto, o aumento da importação do pescado para suprir as necessidades industriais, levantando a questão da presença da sobrepesca na atividade pesqueira gaúcha.

Nesse sentido, surge a seguinte questão: diante da situação da sobrepesca da atividade pesqueira no Rio Grande do Sul, o que contribui para amenizar essa situação? Objetiva-se: - relatar os principais fatores que propiciaram para a existência da sobrepesca; - e indicar algumas alternativas para melhoria desse problema.

2. MATERIAL E MÉTODO

O material utilizado nesse artigo foram dados secundários que captassem as transformações na área de estudo, ou seja, foram utilizados estudos, em áreas afins,

¹ Professor Assistente da Escola de Ciência Econômico-Empresariais e Pesquisador do Núcleo de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Sociais da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). E-mail: marcoadesouza@yahoo.com.br. Endereço: Rua República de Cuba, 733. CEP: 96212-060, Rio Grande –RS.

dados e informações disponíveis para esclarecer o problema de pesquisa.

O método de pesquisa deste artigo é o descritivo, pois para GIL (1991), as pesquisas descritivas têm por objetivo o detalhamento completo e preciso das características de uma determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, ao que implica uma medição mais precisa das variáveis a serem estudadas.

Dessa forma, a análise descritiva, permitiu observar o comportamento e a evolução, ocorridos ao longo do tempo da sobrepesca; permitindo, ainda, caracterizar os mecanismos que venham diminuir o esforço de pesca no estado do Rio Grande do Sul.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nos anos 60, mas sobretudo nos anos 70, já havia a preocupação com o estoque natural do pescado, mas estimativas sobre o potencial da produção pesqueira gaúcha, que poderia chegar a 550 mil toneladas², levaram, conforme Fontoura (1984), a mobilização do governo estadual gaúcho, nos anos 60, (consciente da diversidade de espécies pesqueiras na Lagoa dos Patos, do alto valor protéico do peixe, do parque industrial que surgia e poderia dar muitas divisas ao Estado) em buscar meios de valorizar a pesca industrial, mas sem preocupação com a reprodução das espécies capturadas.

A despreocupação com a reprodução natural do pescado, pode ser evidenciada, segundo Moraes (1989), pelo aumento da frota industrial, pois em 1961 haviam no Estado 20 arrasteiros simples e 5 parelhas, e, em 1989, o número de parelhas passou para 79 e em 1995, conforme Martins (1997), haviam 315 barcos industriais gaúchos, além dos barcos de outros Estados, atuantes no litoral gaúcho. Assim, o crescimento da frota industrial, juntamente, com as inovações das técnicas, artes e petrechos de pesca industriais, geraram uma capacidade maior de capturas e colaboraram para redução progressiva dos estoques pesqueiros.

Fora isso, a diminuição dos recursos pesqueiros não ocasionou aumento do preço pago pelo pescado capturado pelo pescador artesanal, que por sua vez, não motivando a diminuição do número de pescadores, mas resultou no aumento da jornada de trabalho dos pescadores e no uso de práticas de pesca como arrasto, trolha e caracol³, apesar de proibidas, tornaram-se um dos meios dos pescadores manterem a quantidade de pescado

² Essa projeção é feita por Neiva e Moura (1977) e o máximo de produção pesqueira, somada a pesca industrial e artesanal, foi em 1973 com 105 mil toneladas, conforme SOUZA (2001).

³ Segundo Silva (1990), estas redes são nocivas, pois quando tiradas da água, fazem com que as tralhas de chumbo ou ferro, removam o substrato arenoso ou de argila, dificultando o crescimento de algas micro ou macroscópicas que se situam na base da cadeia alimentar, nisto os organismos bentônicos que fazem do fundo dos ambientes aquáticos seus habitats, têm seu nicho ecológico destruído e, aos poucos são condenados à extinção juntamente com peixes e outros animais, que fazem deles sua dieta principal.

capturado e nisto o nível de renda (SILVA, 1990).

Consciente dessa realidade o governo nas últimas décadas aprovou diversas normas de regulação da arte, das técnicas, dos petrechos de pesca e do tipo de embarcação para cada espécie capturada, mas a dificuldade de fiscalização do setor pesqueiro pelos órgãos administrativos que passam por falta de recursos humanos e operacionais, dificulta a capacidade de evitar o descumprimento sistemático das normas pesqueiras.

A falta de controle da sobrepesca, para Souza (2001), a partir dos anos 80, contribuiu para a desestruturação da pesca industrial, pois houve quebra de diversas indústrias pesqueiras, dada entre outros fatores pela presença da sobrepesca. Nisto, como forma de diminuir o esforço de pesca, o autor relata que o governo precisa usar políticas que respeitem as espécies capturadas e gerem alternativas de renda e emprego aos pescadores, como: investimentos em pesquisas; estabelecer por regulamentação privilégios, por exemplo, as indústrias que preservem o meio ambiente; e incentivar a piscicultura, a qual pode gerar uma oferta estável ao mercado.

Neste sentido, segundo Souza (2003), as políticas atuantes na pesca artesanal da região em estudo são o PRONAF e o seguro-desemprego, as quais não conseguem abranger nem a metade dos pescadores da região do estuário, além de não resolver os problemas dos pescadores artesanais que são de não os deixar atrelados com a captura extrativa do pescado e de dar outras alternativas de renda, além disso, o próprio PRONAF não contempla a região do estuário com recursos para a piscicultura.

Para Barcellos et al (1991), as formas de incrementar a produção pesqueira para não gerar sobrepesca são: pela captura de recursos não explorados; pelo aperfeiçoamento dos métodos atualmente empregados; e pelo uso de métodos sustentáveis, todavia, faltam estudos específicos que dimensionem os estoques de novos recursos e sobre quais técnicas são mais adequadas. Outro ponto relevante, conforme o autor, é sobre a conservação do pescado a bordo, a qual determina o valor comercial da captura, pois a melhoria desse aspecto seria um meio de maior aproveitamento da captura, porém a falta de preparo da tripulação e a pouca exigência por um pescado de melhor qualidade dificultam esse processo. Nesse contexto e pela constatação de que a formação técnica de tripulações e mestres de pesca artesanal, mas sobretudo, industrial, é essencialmente, dada pela prática e adquirida com o tempo de mar, o que acaba dificultando os pescadores em assimilar e utilizar novas tecnologia e métodos de pesca, de compreender e cumprir as determinações pesqueiras que surgem, assim, trabalhos de orientação e de extensão técnica pesqueira poderiam minimizar a questão da sobrepesca.

Nesse sentido, Altmayer (1999), argumenta que a solução da sobrepesca, estaria no tipo de ensino recebido através da instrução formal, que venha preparar, sobretudo as crianças para conhecerem e agirem de forma equilibrada no ecossistema ao qual fazem parte. E, também, através da educação não formal trabalhando com os pescadores, nos diferentes núcleos pesqueiros, para que estes percebam que a atividade pesqueira está interligada à preservação do ambiente pesqueiro e das espécies capturadas.

Para Muller (1999), há necessidade de que os pescadores se consentissem da importância de terem uma cooperativa para poderem conseguir um preço justo pelo pescado capturado, pois conforme o autor, somente assim o pescador será o primeiro a preservar o meio ambiente, mas existe, também, a necessidade da união dos pescadores e o apoio das universidades, das prefeituras e das demais organizações da sociedade.

4. BIBLIOGRAFIA CITADA

ALTMAYER, F. Pescadores artesanais do estuário da Lagoa dos Patos - RS: Uma análise de sua percepção do meio natural como subsídio para um projeto de educação ambiental.

Rio Grande, Curso de Mestrado em Educação. FURG, 1999.

BARCELLOS, L.; PERES, M.; WAHRLICH, R. & BARISON, M. Otimização bioeconômica dos recursos pesqueiros marinhos do Rio Grande do Sul. Rio Grande, FURG, 1991.

GIL, A. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo, Atlas, 1995.

MACIEL, M. Desequilíbrio ambiental educacional social da pesca artesanal em Rio Grande Rio Grande, Curso de Mestrado em Educação. FURG, 1997.

MARTINS, C. Nas águas da lagoa há reprodução da vida: pesca artesanal no estuário da Lagoa dos Patos-Rio Grande-RS. São Paulo, Pós-Graduação em Geografia, USP, 1997.

MORAES, A. Dimensionamento econômico da frota industrial de arrasto de fundo do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Pós-Graduação em Economia Rural. UFRGS, 1989.

MULLER, M. O cooperativismo sobre ondas: proposta de construção de uma cooperativa de pescadores em Rio Grande - RS. Rio Grande, FURG e FAPERGS, 1999.

NEIVA, G; MOURA, S. Sumário sobre a exploração de recursos marinhos do litoral brasileiro: situação atual e perspectivas. Brasília, SUDEPE, 1997 (série ocasionais, n. 27).

SILVA, J. Perfil pesqueiro da frota artesanal do Rio Grande do Sul de 1945 a 1989. Rio Grande, IBAMA, 1990.

SOUZA, M. Política e evolução da atividade pesqueira no Rio Grande do Sul: 1960 a 1997. Porto Alegre, Pós-Graduação em Economia Rural, UFRGS, 2001.

SOUZA, M. Pluriatividade entre pescadores artesanais do estuário da Lagoa dos Patos no Rio Grande do Sul. In: Congresso da SOBER. Juiz de Fora, SOBER, 2003.